

**OS EFEITOS DA MEMÓRIA COLETIVA NAS LEMBRANÇAS INDIVIDUAIS  
E NA FORMAÇÃO DO EU EM *CIRANDA DE PEDRA*  
THE EFFECT OF THE COLLECTIVE MEMORY IN PRIVATE MEMORIES  
AND THE PARTICULAR INDIVIDUAL DEVELOPMENTS IN THE NOVEL  
*CIRANDA DE PEDRA* (THE MARBLE DANCE)**

Rosana Munutte da SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O convívio familiar e social exerce relevante influência na formação do EU, sendo o contato com o OUTRO essencial para a constituição do ser e a visão de si mesmo. Assim, seriam a nossa memória e o nosso comportamento exclusivamente nossos? Ou expressariam a influência do meio ao qual pertencemos? O presente artigo se propõe a analisar o efeito da memória coletiva nas lembranças particulares e sua atuação na formação do indivíduo no romance *Ciranda de pedra* (1954), de Lygia Fagundes Telles. A protagonista Virgínia, uma jovem em busca de respostas, aceitação e de si mesma, tenta por duas vezes fazer parte do grupo fechado ao qual pertencem suas duas irmãs Bruna e Otávia, os vizinhos Letícia e Conrado e o amigo deles Afonso. Mas ao final de sua trajetória rumo ao autoconhecimento, ela se verá diante da escolha entre a integração social ou a aceitação e integração do EU.

**PALAVRAS-CHAVE:** memória, sociedade, formação, autoconhecimento, EU.

**ABSTRACT:** Social and family living exert a considerable influence on the development of the ego, the contact with the other being essential for the human constitution and the vision of oneself. So would our memory and our behaviour be exclusively ours? Or would they express the influence of the environment we belong to? This article proposes to analyse the effect of the collective memory in private memories and its performance in the particular individual development in the novel *Ciranda de pedra* (The Marble Dance, 1954) by Lygia Fagundes Telles. The protagonist Virgínia, a young girl looking for answers, the acceptance of herself, tries twice to join the closed group constituted by her sisters Bruna and Otávia, their neighbors Letícia and Conrado

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus da UNESP de Araraquara, 14.800-901 – SP, Brasil. Bolsista CNPq.  
[munuttedasilva@yahoo.com.br](mailto:munuttedasilva@yahoo.com.br)

and their friend Afonso. But she sees herself, at the end of her journey toward self-understanding, against the choice between the social integration and the acceptance and integration of herself.

**KEYWORDS:** memory, society, development, self-understanding, ego.

A memória é a capacidade de reter o que é apreendido, experimentado de alguma forma, seja em uma experiência real (eu vivi tal fato, estive lá) ou virtual (alguém me conta um fato vivido por ele), sendo o ponto de articulação dos tempos presente e passado.

De acordo com Aristóteles (apud RICŒUR, 2007 p.34), a memória pertence ao passado, pois é preciso que tenhamos vivido, presenciado um fato para podermos lembrá-lo mais adiante. Sendo assim, é de uma imagem ausente no presente que nos recordamos: lembrar é buscar reconhecer uma imagem já vista, um acontecimento previamente vivido.

Segundo Ricœur, um dos tipos de inscrição na memória do indivíduo “[...] consiste na persistência das impressões primeiras enquanto passividades: um acontecimento nos marcou, tocou, afetou e a marca afetiva permanece em nosso espírito” (RICŒUR, 2007, p. 436). Ou seja, as sensações despertadas por determinado fato no passado ficam guardadas no interior do indivíduo, podendo ser suscitadas no presente.

Embora a memória seja pessoal e intransferível pelo fato de um mesmo acontecimento marcar de forma distinta cada indivíduo, nossas lembranças não são somente nossas, pois recordamo-nos dos que estavam em nossa companhia em determinado momento e do que nos disseram, da mesma forma eles também de nós e de nossas palavras.

No capítulo “Memória individual e memória coletiva”, do livro *A memória coletiva* (1990), Maurice Halbwachs, primeiro teórico a pensar em uma memória que ultrapassa o indivíduo, defenderá a permanência e a ausência de determinadas lembranças conforme a nossa proximidade com o grupo do qual elas fazem parte e da profundidade do nosso envolvimento com ele. De acordo com Halbwachs as memórias são construções de grupos sociais e tais grupos determinam o que é memorável e onde essa memória será preservada. Assim, a memória torna-se essencialmente coletiva e a

capacidade de lembrar está condicionada à presença do indivíduo no grupo, uma vez que as memórias individual e coletiva se alimentam mutuamente. Desse modo, as lembranças de um indivíduo nunca são somente suas, elas também pertencem aos demais integrantes do grupo.

Ainda nessa linha, o autor defende que a constituição da memória é, em cada indivíduo, uma combinação aleatória das memórias dos diferentes grupos dos quais ele sofre influência, explicando, em grande parte, porque os membros guardam lembranças diferenciadas. Sendo assim, a memória individual só existe na medida em que somos produtos de um determinado grupo.

Para Halbwachs, o único estado de consciência puramente individual é a imagem destacada da palavra, pois ao ser “verbalizada” a imagem se contamina da memória social. As lembranças permanecem sempre coletivas, mesmo que tenham sido experienciadas somente por um indivíduo, isso devido ao fato de sempre nos lembrarmos de alguma situação/palavra já ouvida no momento da nova experiência. Um exemplo seria um passeio feito individualmente, durante o qual, com certeza, o indivíduo se lembrará do que ouviu ou leu sobre o local e o comparará com alguma foto ou imagem já vista.

Resumindo nas próprias palavras do autor,

se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 1990, p. 69).

No entanto, para nos lembrarmos de um fato, momento ou período a partir do relato do outro ou no convívio com determinado grupo, é necessário que a memória individual relembre parte da memória alheia, ou seja, que haja um ponto comum entre a lembrança do indivíduo e o relato dos outros integrantes do grupo.

A interação com o grupo, o desejo de esquecer um período da vida pelo afastamento dos que fazem lembrar algo indesejável, e a tentativa frustrada de não se lembrar das mágoas do passado constituem interessantes pontos para a observação da influência da memória coletiva na individual, de acordo com as ponderações sobre a

ideia de ligação entre grupo e indivíduo discutida por Halbwachs, no romance de Lygia Fagundes Telles *Ciranda de pedra* (1954).

No romance de Telles que se pretende analisar aqui, Virgínia busca, desde a infância, integrar-se ao grupo social do qual fazem parte as irmãs, os amigos delas e o 'pai'. A protagonista empreende duas tentativas frustradas de integração a esse grupo: a primeira ao ir morar na casa de Natércio, até então tido como seu pai, após a morte de Laura, sua mãe, e a segunda ao retornar do internato. Virgínia se sente deslocada na casa de Natércio, não conseguindo interagir com as irmãs, com os amigos delas e com o pai.

O isolamento como interna, escolha da própria menina após a descoberta da paternidade de Daniel, proporciona um longo desligamento do grupo, que ocasiona o desejado esquecimento da rejeição. Afastar-se dos que conhecem seu passado é uma forma de esquecer, de fechar, como bem observa o narrador, os portões das lembranças. Virgínia vai para o internato porque julga que as freiras e as internas nunca saberão de sua história.

Após anos longe daqueles que tanto a fizeram sofrer por não abrirem espaço na roda, Virgínia julga-se completamente alheia a eles, incapaz de se sentir afetada pelo convívio e pelas lembranças da infância que ocasionalmente podem surgir. Ela não acredita que o passado possa influenciar o seu presente, pois se esquecera de tudo o que vivera naquela casa.

Entretanto, a proximidade do reencontro mostra à personagem a dificuldade de se manter os portões da memória fechados quando o ambiente e o grupo, por mais que estejam mudados, guardam todos os fatos e promovem situações propícias para o relembrar. Ainda no carro, em uma conversa corriqueira com o novo motorista, a jovem percebe o quanto aqueles indivíduos e as lembranças ali deixadas mexem com ela.

No convívio com eles, porém, ela logo perceberá que os portões estão novamente abertos, e, embora não queira, estão todos de volta, "Mortos e vivos, voltaram todos. No entanto, lá no colégio tudo me pareceu tão simples..." (TELLES, 1998, p. 112) como a própria protagonista diz a Letícia.

O desejo de Virgínia era o de guardar sua infância e os fatos traumáticos acontecidos durante este período para sempre em um canto inacessível de sua memória, como tenta fazer com as recordações dos anos passados no internato. Ao deixar o

colégio, ela pensa: “Os portões das lembranças do internato também se fechavam para sempre, perdidos lá atrás. [...] Uma ou outra lembrança mais nítida persistiria intacta.” (TELLES, 1998, p. 100)

O “também”, nessa análise, significa, para a personagem, o esquecimento e o trancamento das recordações anteriores ao internato. Ela acredita realmente que nunca mais poderá lembrar-se de seu passado, pelo menos não do que desejava esquecer. Entretanto, voltar para a casa de infância é ter a memória reativada e as lembranças involuntárias reavivadas.

A busca pela própria identidade acontecerá nesse segundo período na casa de Natércio, no qual terá um contato mais íntimo com os integrantes do grupo e poderá formar o todo de si mesma e alcançar a identificação, não no meio desejado, mas naquele ainda um tanto quanto negado por ela.

A viagem do ‘pai’ no dia de sua chegada e a ausência das irmãs relembram a rejeição sofrida na infância; como o próprio narrador observa, todos naquela casa sempre teriam “[...] um motivo forte para não aparecer no momento preciso, principalmente Natércio” (TELLES, 1998, p. 105). No entanto, este fato não a afeta da mesma forma que afetava na infância, mas apesar de julgar-se invulnerável a todo e qualquer desprezo, cada lembrança suscitada pelos gestos alheios trará novas emoções e proporcionarão uma reflexão sobre sua vida e seus desejos.

Embora o não comparecimento de seus entes para sua recepção relembrasse sua situação diante deles na infância, no primeiro contato com eles a jovem perceberá que tudo está mudado. Aos poucos a roda vai se abrindo e convidando-a para dançar. Os que pareciam distantes outrora vão se colocando diante dela despidos de máscaras, mostrando a verdadeira face, tão diferente da idealizada pela Virgínia criança.

Cada integrante daquele grupo traz uma lembrança esquecida e, como em uma ciranda, uma lembrança vai puxando outra, fazendo a protagonista, de alguma forma, reviver sua infância; porém, agora, com os olhos de uma adulta, com os olhos de alguém que preferiu o afastamento para poder ver melhor a si mesma, sem a influência alheia.

A situação, passados anos, é outra. Aos poucos, Virgínia vai percebendo a oportunidade de se aproximar de todos e tocar no ponto mais fraco de cada um. O primeiro a ceder espaço na ciranda é Afonso, justamente o responsável por cenas

desagradáveis que a faziam passar por ‘boba’ e demasiada infantil diante do grupo. O primeiro a excluí-la das brincadeiras e dos passeios, nunca a convidando para conhecer a chácara de seus avós, cenário dos melhores momentos daquele círculo de amigos, era o primeiro a convidá-la para entrar na roda. Entretanto, o jeito de ser do rapaz não sofreu alterações e seu comportamento suscita lembranças antigas e tristes. Mas ao perceber o interesse do cunhado em ser seu amante, a jovem deixa-se levar, aceita o beijo que ele lhe oferece durante uma carona até a casa de Frau Herta e alimenta nele a expectativa de um relacionamento.

Em seguida, Letícia, assumidamente homossexual, embora tivesse sido apaixonada por Afonso na adolescência, tenta conquistar o amor de Virgínia, oferecendo-lhe a chance de um novo recomeço longe da casa de Natércio e alertando a moça sobre os perigos de jogar com os membros da ciranda. A jovem aceita os carinhos da tenista, imaginando estar com Conrado. Sua intenção ao ir “passando de mão em mão”, como ela mesma revela em seu íntimo, é poder chegar até Conrado, o amor de infância nunca esquecido.

No apartamento de Letícia ela conhece seu vizinho Rogério e começa uma amizade, levada mais para o âmbito sexual, com o rapaz, inicialmente porque é bom estar ao lado dele, ele que não traz recordações, como ela mesma diz: “Você é o único que não me lembra nada, e eu detesto lembrar. Gosto de gente como você, um verdadeiro bólide vindo de mundos desconhecidos.” (TELLES, 1998, p. 145). Rogério ainda não lembrava nada, até ela descobrir seu relacionamento extra-conjugal com Bruna. Após a descoberta o rapaz começa a lembrar o relacionamento proibido de Laura e Daniel, bem como o intransigente julgamento promovido pela irmã mais velha, a qual agora é uma adúltera.

A protagonista não chega a concretizar sua relação com Afonso ou Letícia nem com Conrado. Ela decide entregar-se a Rogério, exatamente por ele ser amante de Bruna e todos saberem e não julgarem, diferentemente do que acontecera no caso de Laura.

Eis que Bruna comete o mesmo pecado da mãe, o qual julgara friamente, dizendo ser Laura merecedora da demência, uma forma de castigo para a adúltera, que deveria morrer, assim como o seu amante. Virgínia revolta-se com a descoberta, como era possível tal situação? E todos sabiam, sabiam e fingiam não saber. A protagonista

conclui que o erro da mãe fora assumir publicamente o seu amor por outro homem e não vivê-lo disfarçadamente como acontecia com Bruna.

Diante disto, o desejo de feri-los, principalmente a primogênita, responsável por nutrir a raiva contra Daniel e impedir a irmã caçula, que nela confiava cegamente, de receber o amor e o carinho do verdadeiro pai, o qual ao ficar sem a amada e a filha colocou fim à própria vida. Apresentava-se, na ceia de Natal, a oportunidade ideal de se vingar dos outros e de si mesma. Diante dos olhos de todos, Virgínia desfila com Rogério e ao ver o sofrimento que irá causar naqueles até então inatingíveis “deuses de sua infância”, retira-se com ele, ignorando as palavras conselheiras de Letícia e de Conrado.

Passar a noite com aquele rapaz que ela despreza é uma forma de punir-se, de ir ao fundo do poço, pois não conseguira apagar a culpa por ter desprezado o amor do verdadeiro pai, influenciada pela irmã, adúltera como a mãe. Chega a pensar: “- Daqui a pouco ficarei em cacos na sua mão [...] mas eu quero que seja assim.” (TELLES, 1998, p.161)

Na manhã seguinte, a jovem parece perdida e afirma estar com saudade dos seus mortos (Laura e Daniel), sentindo “[...] que eram eles que agora giravam numa ciranda vertiginosa e a chamavam insistentes, ‘Aqui, Virgínia! Aqui! Venha, que há lugar para você’ ” (TELLES, 1998, p.162). Em seguida, lembra-se das várias Virgínias que foi e da tentativa de negá-las, de desfazer-se de cada uma “[...] principalmente da menininha de unhas ruídas, andando na ponta dos pés. Agarrar-se só ao presente, nua de lembranças como se acabasse de nascer. Via agora que jamais poderia se libertar das suas antigas faces [...]”. (TELLES, 1998, p.163).

Ela compreende agora que não conseguirá integrar-se àquele grupo, porque “a dança era antiga e exaustiva, exaustiva justamente porque ficara de fora, desejando participar e sendo rejeitada. E rejeitando-a por sua vez para logo em seguida esforçar-se por entrar. Admitiram-na, finalmente. Mas era tarde, jamais acertaria o passo” (TELLES, 1998, p.163) e para fazer parte dele era preciso negar-se, esquecer quem foi, e, assim, abrir mão da integração e compreensão do EU.

A situação marginal na qual é colocada a protagonista influencia diretamente a caracterização da personagem e o seu processo de amadurecimento, colocando-a sempre no impasse de precisar escolher entre o meio social de Daniel e o de Natércio. A irmã

mais velha, as freiras do colégio e a sociedade ao seu redor julgam o comportamento de Laura e colocam-na, ao lado do amante, no banco dos réus, dificultando para Virgínia a aceitação de sua origem, de seu verdadeiro pai e de si mesma.

A percepção da verdadeira realidade do grupo ficará clara para ela exatamente após a ceia de natal. Ao caminhar para o local da festa, Virgínia aproxima-se da ciranda de anões do jardim e observa-a.

Essa passagem, aliás, deixa ainda mais evidente a analogia da ciranda de pedra do jardim com o círculo de amizados do qual Virgínia sempre quis fazer parte. Nessa noite, ela representou a fonte. Todos da roda estavam observando-a, mas ela, assim como a fonte, não pertence e nunca pertencerá à ciranda. Fica evidente, também, a perda e a negação de si mesma ao passo que tenta integrar-se a eles, pois não consegue, na cena em questão, vislumbrar a fonte (a si mesma), mas apenas distinguir os anões e ver claramente os integrantes daquele grupo com seus segredos revelados e a maneira hipócrita com que vivem.

Virgínia não consegue inserir-se no grupo, para nós, segundo Ferreira Pinto, porque “é uma ameaça de desequilíbrio para o sistema de transmissão dos valores materiais burgueses e, ao mesmo tempo, um símbolo do ato de rebelião contra a autoridade paterna realizada por Laura, a mãe” (1990, p.134).

O grupo social do qual Virgínia queria fazer parte sempre foi o mesmo, o que mudou foi a forma dela o ver antes e depois do internato: tudo estava claro, mas ela não via a realidade daquelas pessoas, pois o distanciamento a fez criar um imaginário a cerca dos fatos. A memória do relacionamento deles foi imposta para ela, ela nunca participou das brincadeiras nem dos passeios, as lembranças que guarda desses momentos são constituídas pelos relatos das irmãs. É uma memória construída a partir do relato do outro, ou seja, as lembranças alheias se tornam suas lembranças.

As recordações da infância despertam, também, os sentimentos e emoções de outrora, embora ela agora não os sinta da mesma forma. Pode recordar as lágrimas, a tristeza do desprezo, o desespero após saber a verdade, a fúria despertada contra a irmã que transferira para a Bíblia, objeto sempre nas mãos de Bruna, do qual retirava as palavras para julgar a mãe e seu amante. Não obstante, a casa também trás lembranças, principalmente a ciranda de anões no jardim, a representar as irmãs e seus amigos, e o escritório de Natércio, com a porta sempre fechada, significando o distanciamento do



‘pai’. A porta sempre fechada, a frieza com que fora tratada por ele, o cunho de dever expresso em seus gestos, a amargura visível em seus olhos e o afastamento cada vez maior de todas as filhas são questões compreendidas pela jovem ao final do romance.

Após o derradeiro encontro entre Natércio e Virgínia, ela pode, finalmente, aceitar o papel deste homem em sua vida e sua verdadeira história sem culpa e se pergunta: “Que pensamentos o alimentavam naquele longo abandono? Otávia lembrava-lhe a enferma no início da demência. Nela, Virgínia, ele via Daniel. Restava Bruna. Mas Bruna traíra Afonso. E ele não suportava a traição.” (TELLES, 1998, p. 181-2) Faz-se importante o destaque das diferentes lembranças que cada uma das irmãs traz ao pai, que não são necessariamente as mesmas lembranças que despertam umas nas outras. Assim, o próprio indivíduo, sem ao menos dizer uma palavra, traz consigo uma carga de recordações e significações para os outros integrantes do grupo.

Pelo fato de a memória ser pessoal, podendo o indivíduo selecionar os fatos de maior relevância para si e apagar outros, ela encontra, assim como o tempo, sua melhor expressão nas narrativas que apresentam um narrador autodiegético ou heterodiegético onisciente, pois o adentramento do leitor no mundo interior da personagem permite captar as oscilações das lembranças e os seus efeitos sobre a personagem. Quando me lembro das coisas lembro-me de mim mesmo, das minhas ações e das minhas impressões. Em *Ciranda de pedra* temos um narrador heterodiegético onisciente, o qual conhece com pormenores Virgínia e mostra-a ao leitor, despida de máscaras, dando voz à personagem e espaço para os seus pensamentos e sentimentos.

O objetivo das personagens em penetrar em sua memória e revisitar o seu passado reside, exatamente, em reencontrarem a si mesmo, uma vez que a busca pelas lembranças traz a esperança do reencontro e isso significa reconhecer o que se aprendeu anteriormente. A reflexão da memória culmina no reconhecimento do EU devido à particularidade e pessoalidade das vivências de cada um.

Na obra de Lygia Fagundes Telles estudada, a memória torna-se essencial para o autoconhecimento, transformação e construção da protagonista. Virgínia retorna do internato presa às lembranças da infância, permanecendo na personagem o desejo de pertencer ao grupo social do qual fazem parte suas irmãs e Natércio, entretanto, parece interessada, sobretudo, em desvendá-los, uma vez que não tendo, realmente, convivido com eles os idealizou. Palavras e situações trazem, a todo o momento, recordações de

fatos do seu passado, influenciando fortemente suas relações afetivas e sociais do presente.

Já que a memória nos permite existir, nos define, determina nossa identidade, podemos dizer, de acordo com Santo Agostinho (1984), que a verdade se encontra no interior do ser humano, no reconhecimento de si mesmo e não no mundo exterior. Segundo o teólogo, é dentro de si mesmo, se conhecendo que o ser humano encontra as respostas que procura por meio do conhecimento aprendido e das experiências guardadas em sua memória. A protagonista de *Ciranda de pedra* (1954) vem de encontro com as palavras do teólogo, pois ela consegue definir a si mesma e se aceitar por meio das novas experiências que a permitem relembrar a infância e olhar para suas próprias emoções, momento em que parece encontrar respostas para as suas perguntas de menina.

Finalmente Virgínia vai à chácara cultuada na infância para encontrar Conrado. Diante daquele mágico cenário relembra seus sonhos de menina e, enfim, encontra a resposta que procurava: “Retirando a mão da água, mergulhou-a na relva. Não, não, tudo aquilo era já passado, chegara a hora de dizer-lhe adeus. O fluxo da vida que corria como aquele rio era tão belo, tão forte! Tinha apenas que libertar-se das palavras e viver.” (TELLES, 1998, p. 186). Por meio de um novo distanciamento, talvez desta vez definitivo, ela tentará viver sem as amarras do passado. A viagem de rumo incerto marca uma nova etapa de sua vida e o desprendimento do que ficou para trás.

Rogério auxilia, de forma inconsciente, Virgínia no reconhecimento de si mesma, pois a impulsiona a tomar uma atitude e a rever seus passos até o presente momento. Após essa noite com o amante da irmã, a protagonista vê com mais clareza sua situação diante do grupo ao qual desejava pertencer, percebendo a negação de si mesma na tentativa de integrar-se a eles. Assim, ela descobre, ao rever sua vida, não poder negar às várias Virgínias que já foi, pois é a partir destas que ela pode afirmar-se, formar o seu todo e conhecer-se. Depois de aceitar-se, ela também reconhece e aceita Daniel como seu verdadeiro pai, fato evidenciado na última conversa da jovem com Conrado, quando ela se surpreende ao tratar Natércio pelo nome e não chamá-lo, pela primeira vez, de pai.

As lembranças suscitadas nessa nova tentativa de inserção fazem com que a jovem questione a sua própria identidade. A não identificação com os indivíduos

daquele grupo faz com que ela se encontre a partir da identificação com o meio social do verdadeiro pai. Reviver determinadas situações no presente a faz perceber o modo de vida hipócrita daquele grupo, em que todos conhecem os segredos de todos, mas fingem desconhecer a verdade para manter a ordem. Ela desestabiliza essa ordem, exatamente por nunca ter feito parte do grupo e não ter aprendido a dança.

Vale ressaltar que as memórias individuais estão relacionadas com um determinado grupo social e suas memórias, ou seja, cada integrante do grupo guarda lembranças particulares que o outro pode não ter retido, podendo, durante relatos de fatos, ter a sua memória complementada pela do outro. Além disso, tal ligação entre o individual e o coletivo promove, como observamos no livro a partir da volta da protagonista para a casa de Natércio, o nítido reavivamento das lembranças de um determinado período que pareciam ter ficado esquecidas em um canto obscuro da memória. De acordo com as palavras de Halbwachs (1990, p. 69), as lembranças resgatadas só o podem assim ser, se, de alguma forma, estiverem relacionadas a um determinado grupo, ou seja, esquecer um momento da vida é afastar-se dos indivíduos com os quais convivíamos. Por isso, Virgínia opta pelo internato, pois “Ia viver num lugar onde ninguém sabia de nada [...]” (TELLES, 1998, p. 88) e poderia, então, esquecer a dolorida infância.

A questão da influência exercida pelo social no individual nos possibilita, também, falar da criação literária, a qual pode ser descrita por uma sequência de três etapas: primeiro se tem a empiria, que é o contato do escritor com o mundo, depois essa experiência passa pela forma literária, resultando no livro, e, por fim, chega novamente à empiria ao passar pelo leitor, pois este pode encontrar elementos da obra dispersos no mundo real. Desse modo, uma obra clássica, que supera gerações e fronteiras, constitui-se da costura de elementos externos e internos, ou seja, os fatores externos agem e afetam o interior da personagem, uma vez que o contexto não pode ser eliminado, assim como o sujeito não pode se desligar do contexto.

De acordo com Aristóteles (1980, p. 448), a ficção coloca em cena ações e vivências, objetivando representar determinados comportamentos humanos e não pessoas específicas. Compagnon (1999, p. 136) se mostra adepto da mesma ideia do filósofo grego ao dizer que “a literatura mistura continuamente o mundo real e o mundo possível: ela se interessa pelos personagens e pelos acontecimentos reais [...] e a

personagem de ficção é um indivíduo que poderia ter existido num outro estado de coisas.”

A literatura, desse modo, não deve ser vista como uma imitação do real, mas sim como uma representação de suas regras e códigos, os quais são apreendidos pela observação do homem, sendo este capaz de produzir uma arte que faça parte do mundo e consiga ser decodificada e compreendida por outrem. Assim, a verossimilhança pode ser entendida como o reconhecimento de uma determinada ordenação e não mera cópia. A arte, assim como a filosofia, é um modo de conhecer o mundo, apresentando os elementos necessários para a compreensão do real. Nas palavras de Antoine Compagnon (1999, p.110) “[...] o que se chama de real não é senão um código. A finalidade da *mimêsis* não é mais a de produzir uma ilusão do mundo real, mas uma ilusão do discurso verdadeiro sobre o mundo real.”

Diante de uma mesma situação pessoas diferentes tem experiências e emoções diversas, por isso uma obra literária expressa uma impressão íntima e pessoal, embora haja possibilidade de visões similares de um mesmo acontecimento, uma vez que não se perde a ligação entre o artístico, o mundo e os questionamentos humanos.

Expressão é uma impressão interior que é devolvida ao mundo, assim, quando lemos obras que se mostram engajadas com as questões do seu tempo, temos ali expressa a impressão do autor sobre esses fatos, seria uma forma, de acordo com Beatriz Sarlo (2005, p.83), de ficcionalizar a própria experiência, promovendo um testemunho mais rico e interessante para a literatura, uma vez que “a verdade do texto se desvincula da experiência direta de quem escreve, que indaga na experiência alheia aquilo que poderia imaginar que sua própria experiência lhe ensinou.”

A partir das considerações acima, a obra de Lygia Fagundes Telles pode ser considerada introspectiva e engajada, pois a autora brasileira concebe romances com características e aspectos próprios de seu tempo, mostrando seu comprometimento com os desejos e anseios do homem contemporâneo, produto dos questionamentos e transformações ocorridos nas décadas pós-tumias à Segunda Guerra Mundial. As mulheres, em sua obra, refletem a complexidade de lidar com situações que fogem ao padrão social e requerem do indivíduo um determinado grau de equilíbrio para a própria aceitação.

Em inúmeras entrevistas, Lygia Fagundes Telles afirmou que suas histórias nascem com base na realidade. Naquelas ocasiões, justificou-se dizendo que uma simples frase retirada do acontecido pode suscitar, do seu interior, algo intrigante ou perturbador, traduzido numa obra que mostre, mais uma vez, a fragilidade humana.

Quando questionada sobre o papel do escritor, a autora responde: “ser testemunha deste mundo [...] Apontar as feridas. Denunciar embora sem poder para resolver esses problemas” (TELLES, 2004, p. 05). Em entrevista ao *Cadernos de Literatura Brasileira* (1998, p. 37), ela diz colocar características em suas personagens e criar situações a partir do seu conhecimento de mundo, sendo seus textos resultados de sua vivência, do que viu e ouviu, e não de pesquisas.

Nessa e em outras entrevistas concedidas, Lygia Fagundes Telles deixa evidente o seu comprometimento em registrar o seu testemunho sobre os anseios do homem contemporâneo diante de mudanças tão significativas para a sociedade, ressaltando, assim, a ligação dos seus romances com o contexto em que são concebidos, embora não retratem uma verdade absoluta. A obra aqui estudada, nas palavras de Gallagher (2009, p. 635), “não fala de ninguém em particular”, é uma construção textual e literária que representa aquilo que poderia ter acontecido, ou seja, não há a presença de personagens reais, mas sim de figuras com características de determinada sociedade e momento histórico, que se tornam verossímeis tanto dentro quanto fora da obra.

Naturalmente, o papel de testemunho referido pela autora se distancia do que se considera ou tenta-se definir, hoje, como literatura de testemunho, a qual coloca em foco sobreviventes de grandes tragédias, como foi a Shoa e as ditaduras civis. Entretanto, não podemos negar a ligação de Lygia Fagundes Telles com o contexto histórico-social no qual concebe suas obras, como bem aponta o romance aqui analisado. Tal ligação nos possibilita aplicar, também no processo de criação da autora, os conceitos de memória coletiva e individual discutidos por Halbwachs em sua célebre obra de mesmo nome, uma vez que a memória da autora está repleta da memória alheia, do que viu, do que lhe contaram, do que leu; e essas experiências, sejam reais ou virtuais, vão guiando o processo criativo.

Cabe ainda lembrar, o possível despertar e reavivar das lembranças do leitor durante a leitura, pois se esse viveu, ouviu ou leu a respeito da época retratada na obra reconhecerá os fatos, lembrará da sua própria experiência, seja pela vivência, relato,

leitura ou pesquisa. E, assim, uma lembrança irá puxando outra mesmo que de forma involuntária por meio do reconhecimento de aspectos comuns entre a memória do leitor e a memória da autora ficcionalizada no romance.

### Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Abril Educação, 1980. (Literatura Comentada).

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Lygia Fagundes Telles. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n.5, mar. 1998.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 305 p.

GALLAGHER, C. Ficção. In: MORETTI, F. (org.) *O romance I – A cultura do romance*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 629-658.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Laurenbt Leon Schaffer. São Paulo: Vértice, 1990.

PINTO, C. F. **O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

RICŒUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrosio de Pina. São Paulo: Abril Cultura, 1984.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

TELLES, L. F. **Ciranda de pedra**. 31ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. O escritor é testemunha deste mundo. In: \_\_\_\_\_. **Venha ver o pôr do sol e outros contos**. 19 ed. São Paulo: Ática, 2004.